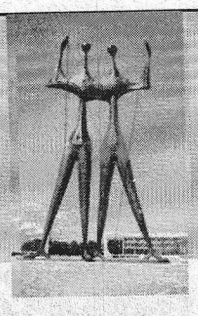
BRASÍLIA 36 ANOS



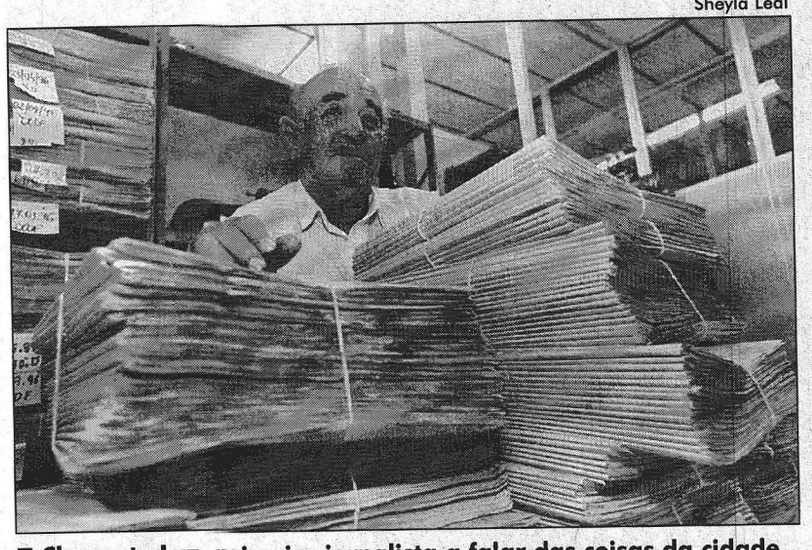
■ Para Gustavo Ribeiro, antropólogo, Brasília é uma das poucas cidades onde ainda se pode viver bem

■ Primeiro cronista de Brasília não ficou rico como pretendia, mas aprendeu a amar a cidade que ajudou erguer

SOMOS TODOS CANDANGOS

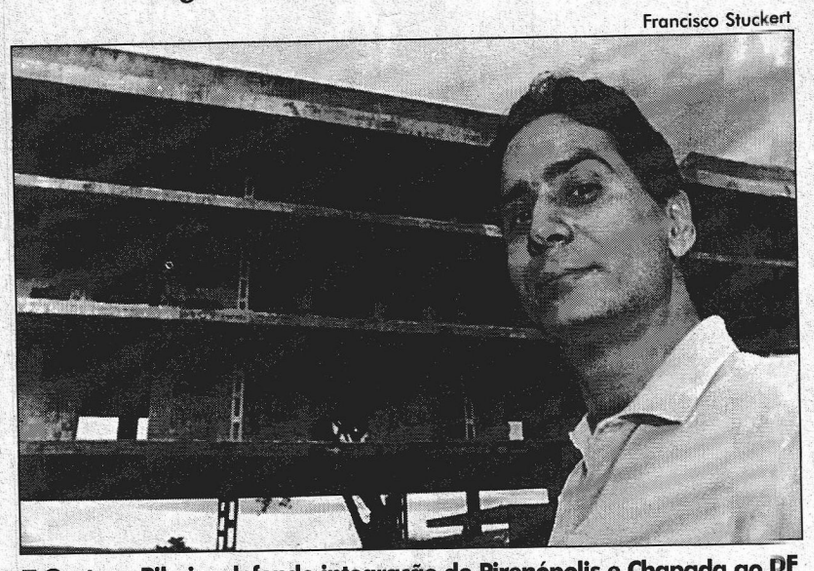
Brasília é fascinação. Pioneiros, jovens e crianças falam da cidade com orgulho

Sheyla Leal



■ Clemente Luz, primeiro jornalista a falar das coisas da cidade

Francisco Stuckert



■ Gustavo Ribeiro defende integração de Pirenópolis e Chapada ao DF

Divulgação

■ Inara Gomes elogia o trânsito e as chachoeiras, mas quer lazer

Clemente Luz é um daqueles candangos ao velho estilo pioneiro. Chegou aqui em 1958 com a vontade de enriquecer na nova capital. Numa época em que a única banca funcionava no Aeroporto, montou uma frota de bicicletas para distribuir os principais jornais do País pelos acampamentos da Novacap.

O negócio foi por água abaixo, literalmente, quando 45 dias de chuvas ininterruptas destruiram seu estoque de jornais. Por inexperiência, Clemente não sabia que poderia mandá-los de volta, e contraiu uma enorme e impagável dívida.

Clemente não ficou rico como desejava, mas nem por isso deixou de ganhar a vida como experiente jornalista. Redator da Rádio Nacional, tinha uma crônica diária (reunidas no livro *A Invenção da Cidade*) transmitida pelos alto-falantes dos acampamentos, sempre no horário em que os candangos paravam para almoçar. "Fui o maior e melhor cronista daquela época, porque fui o único", brinca **(Marcos Savini)**

Cosmopolita precoce

A construção de Brasília no final dos anos 50 foi financiada, em boa parte, pela maior entrada de capitais internacionais que o Brasil conhecera até então. Gustavo Lins Ribeiro, que aqui chegou com oito anos, não ficou insensível ao burburinho que significou a construção da capital, "que não deixou de ser um evento de impacto mundial", diz ele, hoje antropólogo da Universidade de Brasília.

A história da criação de Brasília também não deixou de ter um grande impacto na sensibilidade e na memória da infância de Gustavo. Hoje em dia, ele é um dos maiores especialistas brasileiros na comprensão do fenômeno de globalização, que abole fronteiras e remodela regiões e países inteiros com seus fluxos de dinheiro, pessoas e idéias. Este é o tema predileto de suas pesquisas e aulas pela UnB.

Quando seus pais trocaram o bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, por Brasília, Gustavo Lins Ribeiro veio morar numa das quadras de atual maior valor histórico, a 308 Sul.

Cosmopolita - Como habitante de Brasília, Gustavo a vê num ótimo momento: "É uma cidade que não é pequena e, por outro lado, não é sufocante. Ainda é uma das poucas onde o brasileiro de classe média pode viver bem". Como candango, por adoção, reconhece nos brasilienses uma cultura marcada por três diferenças em relação ao resto do país: o convívio com o poder, o cosmopolitismo e a intimidade com as belezas ocultas do cerrado.

A terceira característica do candango, na opinião do antropólogo, é ele ser um amante do cerrado. "Os brasilienses sabem usufruir das qualidades da região, seus riachos e cachoeiras". Para Gustavo Lins Ribeiro, Pirenópolis e a Chapada dos Veadeiros são dois lugares que deveriam ser associados à imagem de Brasília, numa "dobradinha com Goiás", para reverter a má imagem que a capital do poder tem junto boa parte da população do País, e estimular o turismo, numa associação de ecologia e história.**(MS)**

Brasília é um show

Arrumando as malas para mudar para o Rio de Janeiro, onde participará da próxima novela das oito da Globo, *Rei do Gado* e faz teste para a mini-série *Mar Morto*, o ator brasiliense Jeff Moreira já está, por antecipação, "morrendo de saudades".

Jeff nasceu em 1965. Cresceu junto com Brasília, e conta sua história pessoal misturando-a com marcos importantes da criação da cidade. Seu pai aqui chegou com Bernardo Sayão, "abrindo a Belém-Brasília", e conheceu a esposa no *Brasília Palace Hotel*, onde os dois costumavam se hospedar nos primórdios da capital.

A maioria dos candanguinhos daqueles tempos vão se identificar com o programa de domingo de Jeff Moreira com seus pais. Pela manhã, brincava no parque Yolanda Costa e Silva e no parque de diversões *Nicolândia*. "Se o pai não levasse a gente dava um ataque!", recorda. Após assistirem em família à missa das 18h00 na Igreja Dom Bosco, ia passear na Fonte Luminosa, que naquela época tocava música clássica enquanto mudava de cores. "A gente dançava, comia algodão-doce e fazia a maior festa".

Aventuras - Naqueles tempos, quando muitas quadras ainda nem existiam, ser criança em Brasílisa era uma aventura: "Um dia, sumi no mato e chamaram até a polícia para me achar", conta Jeff. O gosto pelo cerrado e pelos monumentos ficou marcado no ator. Até hoje, como muitos jovens candangos que agora entram pelos 30 anos, gosta de "bater perna".

O lugar que mais gosta de chegar, sempre à noite, é a Praça dos Três Poderes: "É misteriosa, gostosa, com aquela luz alaranjada". **(MS)**

Sheyla Leal

■ Lucas, Thyago, Lorena e Luana: espaço para brincar com segurança

Mais diversão

A tranquilidade e o trânsito desafogado, quando comparado com outras grandes cidades brasileiras, são vantagens apontadas por todos os candangos. Porém, para alguns, especialmente os adolescentes, Brasília pode parecer pacata demais.

Inara Gomes Vieira reconhece as vantagens de poder encontrar tempo de sobra para ler. E é também uma admiradora das belezas, em especial das cachoeiras, do cerrado. "Mas também não dá para morrer só de ler", reclama. A falta de opções de lazer para os jovens é a única desvantagem que esta pré-vestibulanda de 17 anos enxerga em Brasília.

"Os shows chegam aqui a um preço muito caro, e existe pouca divulgação e sinalização de como chegar nas cachoeiras", aponta Inara. Os pontos de encontro para os adolescentes, o Gilberto Salomão para os "playboys" e a 109 Sul para os "doidões", não oferece alternativas para quem "não é nada disso". A saída, para quem gosta de beber cerveja, são os bares. **(MS)**

Divulgação

■ Jeff Moreira gosta de passear à noite na Praça dos Três Poderes

Brincando com segurança

Ao contrário da infância de Gustavo Lins Ribeiro e Jeff Moreira numa cidade ainda em construção, morar em Brasília não é mais uma aventura para crianças como Lucas, Lorena, Luana e Thyago. Ainda assim, estes candanguinhos são a prova de que a capital é mesmo um bom e espaçoso lugar para se morar e brincar.

O espivitado Lucas Albuquerque Aguiar, de oito anos, é o mais rueiro de todos, mas nunca rompe os limites da quadra em que mora, a 104 Sul. Futebol, que adora, só dentro da quadra de esporte: "ela é cercada". Já se foi o tempo em que criança em Brasília podia perder-se no mato.

Thyago Pignatari é mais chegado a brinquedos eletrônicos, mas também não dispensa descer para brincar embaixo do prédio onde mora, quando a "Juraci me leva", conta. Aliás, um dos maiores inimigos da liberdade destes candanguinhos é um tal de *Note e Anote*, programa de receitas no rádio que faz as empregadas domésticas não quererem passear com seus pupilos durante as manhãs, e que Thyago e Luana Barney Seabra, 8 anos, conhecem muito bem.

Luana gosta de andar de patins na Praça dos Três Poderes, acompanhada pelos pais, ou de nadar na piscina de sua casa no Lago Sul. "Sortuda!", protesta Lucas. Lorena Nery Ferreira, de 9 anos, prefere o Parque da Cidade. **(MS)**